



OS CAMINHOS DA OBRA O ERMITÃO DA GLÓRIA, DE JOSÉ DE ALENCAR: UMA ANÁLISE FILOLÓGICA

Jessica dos Santos Barbosa
Universidade de São Paulo

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo contrastar filologicamente quatro testemunhos da obra *O Ermitão da Glória*, de José de Alencar, estabelecendo como base a primeira publicação, de 1873, como a mais fidedigna. Fez-se necessário um recorte para a análise, que considera o primeiro capítulo dos quatro testemunhos, comparando mudanças por evolução de língua, sintaxe ou erros de edição, com o objetivo de apontar as variáveis que ocorreram ao longo da transmissão dessa obra, e até que ponto tais diferenças se distanciam do que foi escrito pelo autor. O cotejo dos textos confirmou a existência de problemas semânticos e estilísticos entre as edições, que explicitam a importância de um bom trabalho filológico durante o processo editorial, a fim de que um texto não perca sua genuinidade ao longo dos anos e das diferentes publicações que venha a ter.

Palavras-chave: José de Alencar. *O Ermitão da Glória*. Filologia. Variáveis. Erros.

ABSTRACT

This paper has the objective to philologically contrast four testimonies of the literary work *O Ermitão da Glória*, by José de Alencar, establishing as a most credible base the first 1873 publication. It was necessary to establish a cut that considers the first chapter of the four testimonies, contrasting changes by language, syntax or editor's mistakes, with the objective to point in a philological scope the variables that occurred during the transmission of this work, to the point in which such differences distance themselves from what was written by the author. The collating of the texts confirmed the existence of both semantic and stylistic problems between issues, which explicit the value of a good philological work during the issuing process and, by doing so, not letting a text lose its genuineness as the years and editions come.

Keywords: José de Alencar. *O Ermitão da Glória*. Philology. Variables. Mistakes.

Jessica dos Santos Barbosa é Graduada em Letras – Português e Linguística – pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
E-mail: jessica.santos.barbosa@usp.br



O Ermitão da Glória é uma obra pouco conhecida de José de Alencar, publicada pela primeira vez em 1873 pela editora Garnier, em livro intitulado *Alfarrábios, Chronica dos Tempos Coloniaes*. De acordo com uma exposição feita em 1977 pela Biblioteca Nacional, devido ao centenário da morte do autor, a obra possui um número pequeno de publicações, das quais utilizaram-se aqui quatro edições, a saber: a primeira, de 1873, pela editora Garnier, consultada em acervo especial da Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; a de 1920, da mesma editora, disponível em Domínio Público; a de 1943, da Edições Melhoramentos e, por fim, a edição mais recente encontrada, de 1953, da editora Clube do Livro, disponível também em acervo não circulante da já citada Biblioteca Florestan Fernandes.

O objetivo deste trabalho é apresentar o percurso dessa obra sob um ponto de vista filológico a partir do cotejo de tais edições. A Filologia é uma ciência ainda pouco difundida, mas muito importante, pois, através de comprovações documentais, busca aproximar-se ao mais fidedigno texto de cada autor. Cambraia (2005, p. 01) afirma que “[...] um texto sofre modificações ao longo do processo de sua transmissão”. Prossegue comparando o processo de crítica textual à brincadeira telefone sem fio, na qual, em um círculo, cada pessoa é

responsável por repassar ao colega ao lado o que foi dito ao primeiro participante, e o resultado constantemente aponta para uma modificação do primeiro enunciado, muitas vezes chegando ao último membro da brincadeira uma mensagem totalmente diferente da original. O mesmo ocorre com frequência nos textos: o que sai do punho de um autor passa por modificações ao longo do tempo, desde erros cometidos por um copista (em caso de manuscritos antigos) ou pelo editor, até alterações que buscam “facilitar” a leitura, o que pode acabar alterando sua gênese.

A obra escolhida torna-se pertinente à realização de uma análise filológica por ter sido publicada pela primeira vez no século XIX, apresentando uma variação de aproximadamente 80 anos entre as edições aqui comparadas, além de ser um texto pouco explorado dentre a bibliografia do autor. Como tradição indireta¹, considerou-se um manuscrito do autor que não diz respeito à obra em questão, mas pode apontar seu estilo de escrita.

Para a análise, utilizou-se neste artigo o método lachmanniano², que propõe uma série de processos de levantamento de dados para crítica textual e comparação em busca de erros³ nas edições de uma obra, destacando-se aqui dois deles, que são: a recensio [recensão], cuja

¹ Em Filologia, considera-se como aparato de estudo toda a tradição de uma obra, sendo esta dividida em tradição direta, ou seja, os diversos testemunhos da própria obra, que podem estar em manuscritos, folhetins, publicações impressas, entre outros, e em tradição indireta, que considera qualquer texto que auxilie a compreensão e que esteja relacionado à obra e/ou ao autor, como, por exemplo, cartas e rascunhos.

² O método lachmanniano, criado pelo filólogo alemão Karl Lachmann (1793-1851), propunha um conjunto de critérios para a edição de textos antigos, tendo como base cópias de manuscritos de obras cujos originais estivessem ausentes. Através da comparação desse material, buscava-se alcançar uma reconstituição do texto, do modo mais próximo possível ao original perdido

(SPAGGIARI, 2004, p. 30-32). Neste trabalho, fez-se necessária uma adaptação ao método, uma vez que não foram encontrados manuscritos da obra analisada, tomando-se como testemunho base a primeira edição publicada (já em versão impressa). Como foram utilizados apenas os dois primeiros princípios propostos por Lachmann, a recensão e a colação, a adaptação não trouxe prejuízo ao trabalho.

³ Blecua (1983, p. 19-20) defende que os erros são comuns ao ato de escrever, podendo variar de acordo com a experiência do copista, além de suas condições materiais e psicológicas. A partir disso, estabelece quatro tipos de erros comuns ao processo de transmissão de textos, detalhados nesta página.



definição popular é “o conjunto de testemunhos de uma obra (recenseamento)” (SPAGGIARI, 2004, p. 33), que considera todo o material de transmissão de um texto, incluindo sua tradição direta e indireta, e a *collatio* [colação], definida como “o exame comparativo de todos os testemunhos que formam a tradição, em busca de afinidades ou relações que consintam estabelecer o seu parentesco” (SPAGGIARI, 2004, p. 33).

Para a etapa de recensão, fez-se um recorte que contrasta o primeiro capítulo das quatro edições escolhidas, nomeando-as, em ordem cronológica, por A, B, C e D. Para a colação, utilizou-se como testemunho base a primeira edição, publicada ainda com o autor em vida, sendo, por isso, possivelmente mais fiel ao texto original. Para a análise dos dados, recorreu-se aos conceitos propostos por Blecua (1983), que apontam os principais erros de edição, a saber: a adição, a subtração e a substituição de palavras ou frases. Destacaram-se ainda, ao longo do cotejo dos dados, mudanças de pontuação e de grafia, sendo a última motivada pelas evoluções do estado de língua a cada publicação, não havendo a sinalização de tais mudanças do editor ao leitor.

Ao final do trabalho, disponibilizou-se como anexo todos os dados levantados no cotejo dos testemunhos dentro do recorte proposto, destacando-se no corpo do trabalho apenas os mais relevantes. Apresenta-se, portanto, a análise com base nos conceitos acima explicados.

1 PONTUAÇÃO

Observou-se, por meio do processo de recensão, que o número mais frequente de mudanças nos dados levantados refere-se à

pontuação, em especial à adição de vírgulas feitas pela edição D, como nos dados a seguir:

Quadro 1 - Adição de vírgulas

Edições A, B e C	Edição D
1.a) No tilhá sobre alva esteira de côco estava sentada uma linda morena	Na tilha, sôbre alva esteira de côco , estava sentada uma linda morena
1.b) E o moço que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe	E o moço, que estava deitado na esteira , ergueu-se de golpe

Fonte: BARBOSA (2017)⁴

Em ambos os exemplos, nota-se que a inserção de vírgulas adotada pela edição D cria aposto. De acordo com Cunha (2007, p. 155), “aposto é o termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação”. Logo, a utilização de aposto nesses exemplos muda as orações semanticamente, uma vez que, em 1.a, as edições A, B e C expressam a ideia de um tilhá que estava sobre uma esteira de côco, diferenciando-o, possivelmente, de outros tilhás. Já na edição D, o aposto faz com que a informação entre vírgulas tenha caráter explicativo/informativo em relação ao substantivo tilhá, não sendo mais um elemento restritivo ou diferenciador, de modo que, se excluído da sentença, ela continue a fazer sentido.

Em 1.b, talvez o efeito fique mais claro: enquanto nas edições A, B e C a expressão “*que estava deitado na esteira*” indica a possibilidade de, havendo mais de um moço no local, o autor referir-se ao que estava deitado na esteira, a edição D, por sua vez, muda o sentido da sentença ao criar aposto, já que a informação entre vírgulas adquire sentido apenas explicativo, perdendo o restritivo visto nas primeiras edições.

⁴ As tabelas foram criadas a partir do cotejo das edições explicitadas ao longo da pesquisa, cujas referências completas encontram-se ao final do trabalho.



2 ADIÇÃO

Blecua (1983) destaca como erro frequente entre as edições a adição de um fonema, o que muitas vezes seria motivado por uma assimilação do fonema anterior ou posterior na mesma sílaba. Esse tipo de erro também pode ocorrer por falha na digitação do editor. Apresenta-se, a seguir, um caso de erro por adição encontrado entre as edições aqui trabalhadas:

Quadro 2 – Adição de fonemas

Edições A, C e D	Edição B
Do primeiro lanço viu o velho que para elle caminhava	Do primeiro lanço viu o velho qu[i] e para ele caminhava

Fonte: BARBOSA (2017)

3 SUBSTITUIÇÃO

3.1 De fonemas

Também são destacados por Blecua (1983) os casos de substituição de fonemas, presentes nos exemplos abaixo, possivelmente motivados por erro de digitação:

Quadro 3 – Substituição de fonemas

Edições A, C e D	Edição B
3.1.a) Fraguras	[i] raguras
3.1.b) De pé	[O] e pé

Fonte: BARBOSA (2017).

3.2 De palavras

Ainda de acordo com Blecua (1983), também ocorrem casos de substituição de palavras inteiras, muitas vezes por outras usadas com a mesma frequência, ou com grafemas muito próximos ao original. Abaixo, um caso no qual ocorre tal permuta:

Quadro 4 – Substituição de palavras

Edições A, B e C	Edição D
atirou-se à ponta da verga	tirou-se à ponta da verga

Fonte: BARBOSA (2017)

Aqui, nota-se mais um exemplo no qual um erro de edição pode gerar mudança de sentido. As edições A, B e C trazem a palavra atirou-se, sinônimo de lançar-se. Em contrapartida, na edição D, há um possível impasse: o editor pode ter cometido um erro de digitação, omitindo o fonema [a], que deveria estar em posição de ataque na primeira sílaba da palavra, ou ter substituído “atirou-se” por “tirou-se”, sendo a última uma variação informal de retirou-se. Em qualquer uma das hipóteses, o produto foi uma substituição de palavra, que conseqüentemente altera semanticamente a sentença, já que o vocábulo utilizado na edição D tem sentido de retirar-se, diferentemente do proposto com o uso de atirar.

4 GÊNERO

Há também uma ocorrência de mudança de gênero entre as edições, a saber:

Quadro 5 – Alteração de gênero

Edições A, B	Edições C e D
No tilhá	Na tilha

Fonte: BARBOSA (2017)

A alternância entre “no” (preposição em + artigo definido masculino o) e “na” (preposição em + artigo definido feminino a) implica a mudança de gênero do substantivo que sucede ou um erro de concordância, uma vez que o português é uma língua com dupla marcação de gênero, sendo necessária a concordância entre um substantivo e o artigo que o acompanha.



Recorrendo ao dicionário de Rafael Bluteau (1789), possivelmente em uso nos tempos de Alencar, a palavra “tilha” traz marcação morfológica de gênero feminino. Logo, há novamente duas hipóteses para essa divergência entre as edições: o uso “*no tilhá*”, como substantivo masculino, pode ter sido uma escolha de Alencar, honrada nas primeiras publicações e ajustada nas seguintes pelos editores, ou pode ter ocorrido um erro de edição na primeira publicação, que se manteve na segunda, ambas da editora Garnier, sendo ajustado nas publicações posteriores, de outras editoras.

5 MUDANÇAS NO ESTADO DE LÍNGUA

O ajuste do estado de língua mostrou-se recorrente entre as edições analisadas. Outro dado importante na comparação entre textos é a história da língua, que pode ser acompanhada por registros escritos e suas atualizações. Nos dados aqui trabalhados, nota-se uma atualização a partir da edição C, de 1943, que se mantém na D, de 1953. As edições A e B apresentam características de um português mais arcaico, presentes também no dicionário de Bluteau (1789), como visto acima. Destacam-se, a seguir, alguns exemplos:

Quadro 6 – Mudanças por evolução da língua

Edições A e B	Edições C e D
5.a) <i>cabellos, collo, bella</i>	cabelos, colo, bela
5.b) <i>annos, commando</i>	anos, comando
5.c) <i>affrontar, occasião</i>	afrontar, ocasião
5.d) <i>francezes</i>	Franceses
5.e) <i>cahia</i>	Caía
5.f) <i>projectavam</i>	projetavam
5.g) <i>sobre, torvo, esse</i>	sôbre, tôrvo, êsse

Fonte: BARBOSA (2017)

As edições C e D, por sua vez, atualizam a língua para um estado mais próximo ao falado

atualmente. Pinto (1988) trata as mudanças na língua portuguesa a partir do século XX, destacando três momentos precursores do que chama de “a nova língua literária”, dos quais destaca-se dois, relevantes ao presente estudo:

1. O primeiro (1920-45) corresponde ao início da caracterização daquilo que viria a ser a língua literária representativa do século, tomada como um todo, em oposição à que representa o século XIX. Esse momento corresponde a uma atitude, consciente ou inconsciente, conforme o caso de cada escritor ou grupo de escritores, de adesão à ruptura, relativamente aos padrões tradicionais da língua literária luso-brasileira.
2. De 1945 a 1960, aproximadamente, ocorre certo refluxo e relação ao pólo da ortodoxia, sem que isso, no entanto, implique volta ao antigo purismo. Trata-se, apenas, de apego a certa disciplina intelectual, relativamente à produção do texto – uma posição racionalista no tratamento do material lingüístico, com vistas a obter o máximo de eficiência, em termos de transparência e de rigor de expressão. Opunha-se, nisso, ao idealismo característico do momento precedente, empenhado em forjar uma expressão, cuja eficiência ficava na dependência do resultado eventualmente obtido pela aplicação de critérios pessoais. Tal disciplina não significava, pois, plena adesão aos padrões gramaticais e literários do passado, a princípios institucionalizados: constitui, antes, uma atitude de reflexão, de crítica e de seleção dos meios considerados mais adequados à expressão, enquanto correspondência a um estado de espírito reflexivo, crítico e seletivo (PINTO, 1988, p. 10).

Como mencionado inicialmente, embora este trabalho não disponha de um manuscrito do livro em questão, utiliza-se como parâmetro outro manuscrito de Alencar, publicado pela Biblioteca Nacional em 1977, no qual é possível ver marcas de sua escrita que se assemelham ao testemunho base deste trabalho. Nele encontra-se, por exemplo, o uso de “*condicção*”



e “*tradução*”, que traz a consoante [c] na mesma posição que em “*projectavam*”, apontado aqui no exemplo 5.7. A partir disso, cria-se a hipótese de que tais usos de um português mais arcaico sejam marcas do autor, condizentes ao seu tempo, além de certa adesão à ruptura dos padrões gramaticais, como proposto por Pinto e defendido pelo próprio Alencar, em trecho disponível à frente. Seguindo essa hipótese, juntamente com o proposto também por Pinto (1988) sobre a reformulação da linguagem no século XX, pressupõe-se que as edições C e D tentaram atualizar *O Ermitão da Glória*, de modo a submetê-lo a ajustes o texto de um autor por vezes criticado pelos puristas⁵ de sua época, que apontavam desvios em seu uso do português. A edição D (1953, p. 02⁶) conta com uma nota explicativa que antecede a narrativa, na qual nota-se um exemplo explícito de reprovação à escrita alencariana:

[...] A não ser os seus caprichos gramaticais, e, afinal, resumidos numa errada colocação de pronomes, toda a obra de Alencar cintila do mais límpido talento, cheia que é de colorido, de vivacidade, de beleza.

Este lindo e comovente livro “O Ermitão da Glória” encarta-se admiravelmente na formosa coleção das obras do imortal escritor brasileiro.

Alencar, ciente das constantes censuras à sua escrita, não hesitou em respondê-las, a exemplo de um pós-escrito publicado ao final da segunda edição de *Diva*⁷, no qual lê-se:

O autor deste volume e do que o precedeu com o título de *Lucíola* sente a necessidade

de confessar um pecado seu: gosta do progresso em tudo, até mesmo na língua que fala.

Entende que sendo a língua instrumento do espírito, não pode ficar estacionária quando este se desenvolve. Fora realmente extravagante que um povo adotando novas idéias e costumes, mudando os hábitos e tendências, persistisse em conservar rigorosamente aquele modo de dizer que tinham seus maiores.

Assim, não obstante os clamores da gente retrógrada, que a pretexto de classicismo aparece em todos os tempos e entre todos os povos defendendo o passado contra o presente; não obstante a força incontestável dos velhos hábitos, a língua rompe as cadeias que lhe querem impor, e vai se enriquecendo já de novas palavras, já de outros modos diversos de locução (ALENCAR, 2006, p. 85)

Sendo assim, pode-se esperar que o texto de Alencar apresente um português arcaico no que diz respeito ao estado de língua, ao mesmo tempo que inovador ao romper as barreiras impostas, quer pelos gramáticos, quer por Portugal, na contramão do que vigoraria posteriormente no século XX, onde encontram-se as edições C e D.

CONCLUSÃO

Diante do exposto neste artigo, confirma-se o proposto inicialmente: o trabalho filológico é necessário, pois mostra a evolução de textos diacronicamente e o quanto meras mudanças ou pequenos erros de edição podem alterar um texto semanticamente, além de criar

⁵O linguista Bagno (2009, p. 10) afirma que “purista é quem defende a ‘pureza’ da língua contra todas as formas inovadoras, sempre vistas como sinais de ‘decadência’, ‘corrupção’ e ‘ruína’, não só da língua mas também, muitas vezes, dos valores morais da sociedade”. Considerando que Alencar foi um dos precursores da literatura no Brasil, objetivando que sua obra criasse uma identidade nacional em um país que, até então, consumia literaturas vindas da Europa, especialmente de Portugal,

entende-se que as críticas à sua escrita eram feitas por puristas, que defendiam uma rigidez na língua, de maneira elitista, repudiando qualquer uso que fugisse ao padrão estabelecido pelas gramáticas então vigentes.

⁶ O número de página informado refere-se à segunda página da nota explicativa, disponível no início da edição em questão.

⁷ O texto de referência é a 10ª edição de *Diva* (ALENCAR, 2006), que mantém o pós-escrito em questão



um sucessivo distanciamento entre o original produzido e o que chega ao público leitor. No caso da obra *O Ermitão da Glória*, é possível concluir que as edições A e B possivelmente sejam mais fidedignas ao que foi escrito por Alencar, enquanto as edições C e D apresentam atualizações do estado de língua não informadas ao leitor.

A edição D parece ser a mais problemática, uma vez que, além de atualizar o português, modifica a pontuação, com consequentes mudanças de sentido. Portanto, o processo editorial requer atenção às questões aqui levantadas, o que, infelizmente, nem sempre é respeitado.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Alfarrábios chronica dos tempos coloniaes**. Rio de Janeiro: Garnier, 1873.

ALENCAR, José de. **Alfarrábios chronica dos tempos coloniaes**. Rio de Janeiro: Garnier, 1920. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ub000010.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2017.

ALENCAR, José de. **Alfarrábios chronica dos tempos coloniaes**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1943.

ALENCAR, José de. **Alfarrábios chronica dos tempos coloniaes**. São Paulo: Clube do Livro, 1953.

ALENCAR, José. **Diva**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

BAGNO, Marcos. Quem são os puristas? **Revista Caros Amigos**, São Paulo, 27 jul. 2009. Disponível em: https://issuu.com/carosamigos/docs/pdfs_ca_leitores. Acesso em: 29 mar. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Catálogo da exposição José de Alencar**. Rio de Janeiro: Seção de promoções culturais, 1977. 1 fotografia (manuscrito digitalizado), p. 1. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or1277798/or1277798.pdf. Acesso em: 04 nov. 2017.

BLECUA, Alberto. **Manual de crítica textual**. Madrid: Ed. Castalia, 1983 [reimpressão: 1990].

BLUTEAU, Rafael. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Tomo Primeiro, 1789.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

PINTO, Edith. **História da Língua Portuguesa: VI. Século XX**. São Paulo: Ática S. A., 1988.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGGI, Maurizio. **Fundamentos da Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

BARBOSA, J. S. Os caminhos da obra *O Ermitão da Glória*, de José de Alencar: Uma análise filológica. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana/MS, n. 4, p. 50-59, 2017.



ANEXO 1: Tabela completa do processo de recensão e colação, apontando as divergências presentes entre as edições dentro do recorte feito

Edição A (1873)	Edição B (1920)
cahia	cahia
sobre	sobre
projectavam	projectavam
torvo	torvo
esse	esse
saliencias	saliencias
Nas aguas das ilhas dos papagaios balouçava-se um barco de borda rasa	Nas aguas das ilhas dos papagaios balouçava-se um barco de borda rasa
fraguras	íraguras
Pelas amuradas e convez do barco viam-se recostados ou estendidos...	Pelas amuradas e convez do barco viam-se recostados ou estendidos...
convez	convez
cerca	cerca
No tilhá	No tilhá
No tilhá sobre alva esteira de côco estava sentada uma linda morena	No tilhá sobre alva esteira de côco estava sentada uma linda morena
cabellos	cabellos
boca	boca
collo, bella	collo, bella
n`uma	n`uma
dizia esta galanteando	dizia esta galanteando
N`esse instante um homem, que descêra a abrupta encosta do rochedo	N`esse instante um homem, que descêra a abrupta encosta do rochedo
atirou-se	atirou-se

annos	Anos
nervo	nervo
sobresaltou-se	sobresaltou-se
e o moço que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe	e o moço que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe
como si o tocára occulta mola.	como si o tocára occulta mola.
Na postura do moço não havia a menor sombra de temor nem de surpresa	Na postura do moço não havia a menor sombra de temor nem de surpresa
affrontar/ occasião	affrontar/ occasião
Do primeiro lanço viu o velho que para elle caminhava	Do primeiro lanço viu o velho que para ele caminhava
inglezes	inglezes
gei.to	gei.to
francezes	francezes
A esse tempo já a maruja toda a postos esperava as ordens do capitão	A esse tempo já a maruja toda a postos esperava as ordens do capitão
Fica certa porém que levo comigo duas horas de felicidade	Fica certa porém que levo comigo duas horas de felicidade
impellida	impellida
De pé	Oe pé
commando	comando
collocao/ castello	collocado/ castello
Edição C (1943)	Edição D (1953)
caía	caía
sôbre	sôbre
projetavam	projetavam
tôrvo	tôrvo
êsse	êsse
saliências	saliências



Nas águas das ilhas dos papagaios, balouçava-se um barco de borda rasa	Nas águas das ilhas dos papagaios, balouçava-se um barco de borda rasa
fraguras	
Pelas amuradas e convés do barco, viam-se recostados ou estendidos...	Pelas amuradas e convés do barco, viam-se recostados ou estendidos...
convés	convés
cêrca	cêrca
Na tilha	Na tilha
Na tilha sôbre alva esteira de côco, estava sentada uma linda morena	Na tilha, sôbre alva esteira de côco, estava sentada uma linda morena
cabelos	cabelos
bôca	bôca
colo, bela	colo, bela
numa	numa
dizia esta galanteando	dizia esta, galanteando
Nesse instante um homem, que descera a abrupta encosta do rochedo	Nesse instante, um homem, que descera a abrupta encosta do rochedo
atirou-se	tirou-se
anos	anos
nervo	nervos
sobressaltou-se	sobressaltou-se
e o moço que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe	e o moço, que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe
como se o tocara oculta mola	como se o tocara oculta mola
Na postura do moço não havia a menor sombra de temor nem de surpresa	Na postura do moço, não havia a menor sombra de temor nem de surpêsa

afrontar/ ocasião	afrontar/ ocasião
Do primeiro lanço viu o velho que para êle caminhava	Do primeiro lanço, viu o velho que para êle caminhava
ingleses	inglêses
jeito	jeito
franceses	franceses
A êsse tempo, já a maruja toda a postos esperava as ordens do capitão	A êsse tempo, já a maruja toda a postos esperava as ordens do capitão
Fica certa porém que levo comigo duas horas de felicidade	Fica certa, porém, que levo comigo duas horas de felicidade
impelida	impelida
De pé	De pé
comando	comando
colocado/ castelo	colocado/ castelo

Fonte: BARBOSA (2017)



ANEXO 2: Manuscrito de José de Alencar, publicado no centenário de sua morte pela Biblioteca Nacional

